

CURTA O CURTA – O ESTÍMULO EDUCATIVO NA ADAPTAÇÃO DE CONTOS MACHADIANOS

Marina Leite Gonçalves (CEFET-MG)¹

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o movimento transtextual que ramificou-se pelo cinema de animação com a adaptação de cinco contos do escritor Machado de Assis. É nossa intenção observar como os adaptadores souberam aliar os acréscimos e as transformações do processo de adaptação com os sentidos interpretativos e significativos da narrativa de origem para atender à expectativa do público leitor da TV Escola, levando o leitor nativo digital do século XXI a interagir, de forma prazerosa e descontraída, com a literatura do século XIX.

Palavras-chave: Machado de Assis; Adaptação; Desenhos animados; TV Escola.

Há, também, uma motivação pedagógica por trás das várias adaptações literárias para o cinema, televisão e outras plataformas. Estudantes de literatura e seus professores, no ímpeto de estimular a imaginação cinematográfica de seus alunos, representam um dos maiores mercados de incentivo para as obras adaptadas do texto literário (HUTCHEON, 2013, p. 132). Atendendo a esta perspectiva adaptativa, ao estímulo educativo, a rede nacional de TV Educativa - TV Escola movimenta-se nessa indústria pedagógica da adaptação, povoando o imaginário infanto-juvenil com curtas de animação da literatura clássica machadiana.

De certa forma, podemos dizer que a presença da literatura do escritor do século XIX, como fonte para a ficção televisiva do portal da TV Escola tem como principal objetivo criar condições para a leitura da literatura machadiana por meio da versão audiovisual. Para isso, a TV Escola criou, no ano de 2012, um Edital de Seleção Pública, objetivando a escolha de três projetos inéditos de curta-metragem em animação, cujos argumentos e narrativas constavam de uma adaptação livre de um dos contos do escritor Machado de Assis, a serem desenvolvidos por produtoras brasileiras independentes. O edital declarava, ainda, que todos os projetos percorreriam as plataformas do canal da TV Escola, da internet e outros meios de exibição, além de suportes em DVD e outras mídias.

O movimento transtextual ramificou-se pelo cinema de animação com a adaptação de cinco contos do escritor carioca, adaptados por equipes de profissionais diferentes.

¹Professora de Português\ Literatura no CEFET-MG – Campus Curvelo, graduada em Letras (Unimontes), mestre em Letras\Estudos Literários (Unimontes), doutora em Literatura Brasileira (UFJF). Contato: marinaleitecvo@gmail.com

Entre as adaptações estão: *Um Apólogo* (2013), baseado no conto de mesmo título, publicado na coletânea *Várias Histórias* (1896); *Aurora sem dia* (2013), inspirado no conto homônimo da coletânea *Histórias da meia noite* (1873); *Tênis da Hora* (2014), baseado na narrativa “A chinela turca”, publicado em *Papéis Avulsos* (1882); *A Ciência do bem e do mal* (2015), adaptado do conto “Adão e Eva”, de *Várias Histórias* (1896) e *Miss Dollar* (2013), adaptado do conto homônimo da coletânea *Contos fluminenses* (1870). Todas as versões, produzidas em forma de curtas de animação, incluíram uma expectativa de leitura para espectadores mais jovens. Assim, a faixa etária, na classificação dos curtas, é de 12 a 14 anos.

O portal de educação da TV Escola apropriou-se dos contos machadianos, gênero mais produzido pelo escritor carioca, para, a partir dessas narrativas literárias, criar curtas de desenhos animados, provavelmente, intencionados a capturar o público pré-adolescente e adolescente a fim de levá-los, por meio de uma recriação divertida, a ler as narrativas literárias que lhes serviram de base. Como observa Hutcheon, “essa motivação ‘faça-com-que-eles-leiam’ é o que alimenta toda uma recente indústria pedagógica” (HUTCHEON, 2013, p. 163). Para alcançar esse público diferenciado, no processo de adaptação em versão animada, as narrativas machadianas tiveram que passar por mudanças, inclusive, na transformação das personagens adaptadas para torná-las mais identificáveis com o público receptor.

Na adaptação de “Aurora sem dia”, por exemplo, os adaptadores levaram em conta o contexto de recepção atual até a personagem Luiz Tinoco. Na narrativa de Machado, Luiz Tinoco é um rapaz romântico, com pretensões literárias, capaz de produzir ardentemente poesias, mas sem muita habilidade poética. Pensando em aproximar a personagem romântica do século XIX com o jovem contemporâneo, os adaptadores de “Aurora sem dia” transvestem Luiz Tinoco em um poeta blogueiro do século XXI. A personagem Luiz Tinoco consegue, assim, transcender seu tempo e lugar de criação para aproximar-se do jovem internauta contemporâneo que utiliza as redes sociais para divulgar suas produções literárias alternativas.

Ao falar sobre a produção animada do conto de Machado, o roteirista e produtor Fabiano Maciel diz não considerar um grande desafio adaptar Machado para os dias atuais, pois suas histórias se encaixam tanto no século XIX como no século XXI, da mesma forma que elas irão funcionar daqui a duzentos anos se alguém quiser adaptá-las

novamente (MACIEL, 2013). Como afirma uma das personagens, no fechamento do curta de animação: “As coisas mudam, mas os homens são sempre os mesmos.” (TV ESCOLA, *AURORA SEM DIA*, 2013)

Guto Nobre, roteirista do conto “Um Apólogo”, também reconhece a atemporalidade dos temas machadianos. Para ele, em “Um Apólogo”, Machado oferece-nos uma pergunta filosófica bem contemporânea e pertinente ao universo competitivo em que vivemos: “quer você ser agulha e abrir caminhos ou quer você ser linha e seguir atrás dos caminhos abertos pela agulha?” (NOBRE, 2013). Esta questão filosófica de Machado atravessou o século XIX até os dias atuais e nos chega como herança desse pensador, diz o roteirista de *Um Apólogo*. O Diretor do curta de animação, Guga Braga, ressalta que “em tempos de culturas tecnológicas, cujos atrativos são os sites de relacionamentos, como o *Facebook*, invocar Machado de Assis para uma geração carente deste tipo de referência é uma oportunidade única” (BRAGA, 2013).

Na adaptação de “Um Apólogo”, os adaptadores, além de preservarem as ideias centrais da narrativa machadiana, mergulham o telespectador, desde o início, no ambiente social e histórico do Brasil do século XIX, precisamente, na passagem político histórica do Império para a República. Com pesquisas antecipadas em livros de fotografias e de materiais característicos da época, como os móveis e os objetos de costura (agulha, linha, dedal, alfinetes, tesouras), os adaptadores reproduzem o cenário do período machadiano, com a novidade de retomar esse ambiente, utilizando os recursos da tecnologia digital de animação 3D.

Nas cenas do curta animado, o diálogo entre as artes visuais entra em ação com memórias cinematográficas e televisivas que muito despertaram o interesse do telespectador nas décadas de oitenta e noventa. A agulha, por exemplo, aproxima-se da imagem das Tartarugas Ninjas, grupo de tartarugas antropomórficas que receberam os nomes dos quatro artistas italianos do Renascimento: Leonardo, Raphael, Donatello, Michelangelo. A série animada de TV, que teve seu auge de popularidade no final dos anos 80 e início dos anos 90, tinha entre sua principal audiência o público jovem e infantil. O clássico *E.T.*, dirigido por Steven Spielberg e lançado no início dos anos 80, também tem seu espaço nas memórias do telespectador dessa produção animada da TV Escola.

Já no curta de animação *Tênis da hora*, baseado no conto machadiano “A chinela turca”, os adaptadores adotam uma estratégia diferente. O diretor Thomas Larson

substitui o contexto histórico social do século XIX e situa a narrativa machadiana na verdadeira cultura da periferia urbana do século XX e XXI. O cenário tipicamente tradicional do Brasil Imperial foi contextualizado para o espaço das favelas brasileiras, incluindo sua cultura de rua como o *rap*, o *funk*, o grafite; e a chinela turca foi trocada para o conceito de tênis importado, ou seja, tênis da hora.

Segundo Larson (2014), a ideia era fazer a releitura do conto “A chinela turca” no contexto da arte urbana contemporânea. No processo técnico de animação, os adaptadores utilizaram um estilo pouco comum nas produções nacionais, fazendo uma animação mais parecida com o mangá, desenho de estilo japonês. Como as personagens pediam uma caracterização mais realística, os adaptadores buscaram referências para as personagens machadianas na ostentação material dos figurinos dos *fankeiros*, *raps* e MC’s. As falas das personagens também seguem o ritmo da linguagem desse grupo social, evocando as gírias de seu meio particular.

Nessa adaptação machadiana, incorporada ao cotidiano da cultura urbana periférica, a música é motivada pela história musical do *rap* e do *funk*. O *funk da nave*, da personagem MC Tonhão, surgiu durante a produção do curta e tornou-se sua trilha sonora. Os próprios adaptadores criaram a letra e a interpretaram. O *Funk das nave* ganhou vídeo independente e está publicado no site e no *Facebook* da TV Escola e em outros sites de entretenimento como o *YouTube*.

Fala ae, mulecada! É nós que tá! Mc Tonhão tá na área. E eu vou mandar um papo reto de coração. Já dizia o sábio poeta: “O melhor drama tá no espectador e não no palco”. Esse aqui é o maior funk do universo, tio! Vai segurando, muleque. E aí meu bem, monta no meu Citroën, monta no meu Citroën! Na Land Rover sou o maior latin lover, na Land Rover sou o maior latin lover. O motor do meu Mustang faz ferver todo o seu sangue, o motor do meu Mustang faz ferver todo o seu sangue. Eu não me imPorche se você quer me Ferrari, eu não me imPorche se você quer me Ferrari. Só quero seu Mercedes-Benz, só quero seu Mercedes-Benz, só quero seu Mercedes-Benz. É nós que tá, muleque! De fusca ou de lambreta, sou o seu Alfa Romeu e você minha Julieta. De fusca ou de lambreta, sou o seu Alpa Romeu e você minha Julieta. Ahh...é nós na nave, muleque! (TV ESCOLA - *FUNK DAS NAVE*, 2014).

O *funk* é mais um complemento do encontro da literatura machadiana com a arte e cultura das favelas. Hutcheon denomina esse processo adaptativo de “desistoricizar” ou “re-historicizar”, ou seja, recontextualizar o texto adaptado para o interpretarmos de

forma diferente, relendo-o em novos contextos (HUTCHEON, 2013, p. 212). Como afirma Larson, “já havia um projeto, um roteiro pré-existente”, que era o conto machadiano do qual foram retiradas as personagens e a trama do curta. (LARSON, 2014). A tarefa dos adaptadores foi a de se inspirar nesse texto anterior e fazê-lo falar no contexto da cultura urbana e periférica contemporânea. As personagens culturais já não são os poetas românticos do conto machadiano, mas os cantores de raps e funks modernos. Evocando as últimas letras machadianas em “A Chinela Turca”, MC Tonhão deixa seu recado no “Funk das nave”, nos créditos finais do curta *Tênis da hora*: “Já dizia o sábio poeta: O melhor drama tá no espectador e não no palco” (TV ESCOLA - *FUNK DAS NAVE*, 2014).

Os adaptadores de *A Ciência do bem e do mal*, curta animado baseado na narrativa machadiana “Adão e Eva”, consideram a animação o gênero perfeito para os jovens se interessarem pelo assunto das narrativas do escritor do século XIX. Para eles, este tipo de adaptação do literário pode levar os leitores da geração atual a perceberem que Machado não é uma leitura tão complicada, “um bicho de sete cabeças”, como ressaltado por Bidu Madio (2015), um dos adaptadores envolvidos na produção do curta animado. Ricardo Whately (2015), responsável pela direção geral da versão animada do conto machadiano, diz que a proposta principal é o entretenimento, atrair a atenção do jovem telespectador por meio do impacto, fazendo-o mergulhar, desde o início, no plano da narrativa. Para isso, os adaptadores investem no processo técnico da animação 2D, utilizando duas técnicas diferentes: o colorido dessaturado para produzir o ambiente físico mais antigo do século XIX e o teatro de sombras, que produz apenas as silhuetas das personagens.

O curta, inspirado no conto “Adão e Eva”, que já é uma recriação livre da história bíblica do Jardim do Éden, no qual o Bruxo do Cosme Velho usará a ironia e o humor para realizar “uma desconstrução bíblica, excelentemente bem elaborada ‘pela pena da galhofa’”, como afirma Maria Eli de Queiroz (2008, p. 129), adota a mesma perspectiva do narrador machadiano do século XIX, de que a história do paraíso passou-se diferente do modo como está contada no primeiro livro apócrifo do Pentateuco. Assim, tanto no conto de Machado como na sua adaptação digital, Adão e Eva são criações do diabo e Deus incutiu-lhes a alma e os levou ao céu, provocando a ira do diabo, que convocou a serpente para tentá-los. O plano da serpente é frustrado pela resistência de Eva e a

intervenção de seu companheiro Adão, o que os fazem serem alçados ao céu, e a terra ficar à mercê do “tinhoso”.

No curta de animação *Miss Dollar*, os adaptadores, ao se apropriarem do texto machadiano, atentam-se pelo menos a duas interpretações: a atualização do texto literário por meio do uso de imagens que atenda ao mundo contemporâneo; e a atualização dos temas e das linhas do autor da narrativa base. Esse proceder adaptativo é feito para satisfazer as demandas do telespectador do curta de animação, no caso, o público alvo da TV Escola, adolescentes entre 12 e 14 anos do Ensino Fundamental II. Essa perspectiva de recepção determinou mudanças na ambientação e no estilo, pois os adaptadores do texto machadiano estão atentos às mudanças culturais que ocorrem com o tempo.

A história, cuja adaptação é atualizada para um público juvenil, propõe-se engendrar um “romance adolescente”. Para isto, criam um enredo compatível com a imaginação desse público telespectador no intuito de seduzir o jovem da sociedade atual. Em se tratando, nesse caso, de texto adaptado para adolescentes, as mudanças e incorporação de elementos novos tornam-se relevantes, ou seja, provocam “alterações nas associações culturais” (HUTCHEON, 2013, p. 196).

Stam considera que personagens de obras anteriores “podem ser alterados em termos de identidade étnica” (STAM, 2006, p. 41). Acreditamos que essas personagens também são alteradas em termos de “identidade cultural”, como ocorre no curta de animação *Miss Dollar*. No conto machadiano, Mendonça e Andrade contavam, aproximadamente, com trinta anos e meio: “Era o Dr. Mendonça homem de seus trinta e quatro anos, bem apessoado, maneiras francas e distintas” (ASSIS, 2003, p. 696). Na animação da TV Escola, os rapazes machadianos assumem a *performance* de dois jovens garotos, na casa de seus quinze a dezoito anos. Também a heroína do conto machadiano, Margarida, abandona o perfil de uma viúva de vinte e oito anos para encarnar, no audiovisual contemporâneo, uma adolescente.

A ficção de animação oferece ao seu telespectador uma variedade de fios narrativos, com imagens que ativam e incitam a sua imaginação. Há vários ecos intertextuais de outros textos, contados na mídia impressa ou mostrados na mídia visual, incorporados nas imagens do curta e na aparência das personagens. São acréscimos que os diretores Ari Nicolosi e André Bushatsky trazem de outros textos e que dão entrada a outros discursos no dialogismo do curta animado.

Cenas convidam para o diálogo com as narrativas tradicionais dos contos de fada, gênero que conseguiu preservar seu fascínio e influência no imaginário tanto adulto quanto infantil do mundo contemporâneo. A produção do curta animado, no entanto, vai além de uma simples revisitação a esses textos, ela possibilita o questionamento, no campo semiótico dessa elaboração, ao jogar com elementos da tradição e da modernidade.

A intenção é promover interfaces variadas e mesclar imagens de dois tempos distintos. Concomitantemente, o mesmo cenário, que comporta enredos de narrativas fantásticas, absorve também modelos de jogos que seduzem os jovens no contexto das mídias audiovisuais da atualidade. Assim, para libertar Margarida de sua condição de prisioneira, a tia (bruxa má) propõe aos pretendentes Mendonça e Andrade jogos interativos de perguntas e respostas à semelhança aos de alguns programas televisivos, como exemplo, do animador Celso Portioli,² no programa Domingo Legal da rede SBT de TV.

Também é proposto, de forma bem humorada, pela tia, a caçada à jovem Margarida, cujo vencedor será aquele que a encontrar primeiro, aludindo às brincadeiras que povoam o imaginário lúdico infanto-juvenil. Estes acréscimos apontam para estratégias dos realizadores do desenho animado em adaptar o conto machadiano e oferecê-lo, como ponto de partida, a um público leitor formado por referências da cultura de massa. Os adaptadores inovam “para fazer com que a adaptação fique mais ‘sincronizada’ com os discursos contemporâneos” (STAM, 2006, p. 43).

Todas as apropriações transtextuais da obra de Machado de Assis, de realização da TV Escola, em parceria com artistas da arte de animação, ilustram a ideia genética de hipertextualidade, que segundo Stam “reflete a vitalidade de artes que incessantemente inventam novos circuitos de significados a partir de formas mais antigas” (STAM, 2006, p. 35). Parafrazeando a fala da serpente ao tentar Eva, na ciberadaptação³ *A ciência do bem e do mal*: “em uma mordida estão todas as possibilidades” (TV ESCOLA – *A CIÊNCIA DO BEM E DO MAL*, 2015). Os cineastas contemporâneos entenderam essas

²Em meados dos anos 2000, Celso Portioli apresentava o programa *Curtindo uma Viagem*. Nessa atividade, equipes de escolas diferentes disputavam uma viagem, respondendo a perguntas. Provas radicais e de lógicas eram aplicadas aos participantes. Esse programa era uma das maiores audiências de TV durante os domingos.

³Durante minha pesquisa de doutorado sobre a adaptação de narrativas machadianas no meio *online*, foram criados, a partir do prefixo “Ciber” (universo cibernético), os neologismos “Cibertradução” e “Ciberadaptação” para designar os intertextos da literatura machadiana no ambiente digital.

possibilidades de diálogos com as narrativas machadianas e ressemantizaram palavras, temas e personagens, para atenderem a uma audiência de jovens, que tem a tecnologia infiltrada no seu estilo de vida. Esta geração tem predileção pelo visual, assiste a filmes baixados na internet e é frequentadora de sites de vídeos e redes sociais.

As várias produções de audiovisuais da TV Escola, em intertexto com as narrativas curtas machadianas, serviram ao impulso pedagógico de aproximar os leitores nativos digitais da literatura clássica do Século XIX. O exame das diferentes versões de Machado em desenho de animação, cujo público alvo é o infanto-juvenil, fez-nos perceber que além do prazer estético de adaptar, os agentes adaptadores deram relevância ao potencial de acesso desses jovens à literatura de Machado por meio do apelo contextual de suas adaptações. Orientados pela expectativa de um público conectado ao conteúdo cultural das mídias contemporâneas, os adaptadores contextualizaram os contos machadianos à linguagem e cultura dos jovens atuais.

As mídias digitais, propagadoras de entretenimento, foram utilizadas como mecanismo para assegurar que o leitor nativo digital interagisse com o texto literário de forma prazerosa e descontraída. Para isso, os textos clássicos foram atualizados com os discursos da cultura urbana e das mídias de comunicação modernas (*funk* de ostentação, *blogs*, programas televisivos, etc). Quando não houve essa introjeção de elementos do mundo atual na articulação dos roteiros, os adaptadores se envolveram numa intensa exploração dos recursos digitais na construção da mídia animada. Assim, as personagens e enredos dos contos oitocentistas além de ganharem novas personalidades, em conformidade com a cultura urbana do século XXI, ganharam também expressão e movimento através da computação gráfica, modelagem e animação 3D.

A motivação educacional das narrativas machadianas em animação é relevante, pois essas adaptações podem levar a criança ou o adolescente, que têm a tecnologia e a cultura do audiovisual infiltradas em seu cotidiano, a chegarem até aos contos que lhes serviram de inspiração. Afinal, o “faça-com-que-eles-leiam”, intenção das adaptações da TV Escola, revisita, nas telas visuais e digitais contemporâneas, a literatura clássica do escritor do século XIX.

Referências:

ASSIS, Machado de. **Contos Completos**. Vol. I, II, III. Org. Djalma Moraes Cavalcante. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Trad. André Chechin. 2. ed. Florianópolis: Ed. UFSC, 2013.

QUEIROZ, Maria Eli. **Machado de Assis e a religião**: considerações acerca da alma machadiana. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2008.

Revista de Cinema. TV Escola abre inscrições para editais. 07 de junho 2012. Disponível em: <http://revistadecinema.uol.com.br/2012/06/tv-escola-abre-inscricoes-para-editais/>. Acesso em: 15 mai. 2016.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Revista Ilha do Desterro**, Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./ dez. 2006.

TV ESCOLA. Curta de animação “Um Apólogo”. Duração: 00:12:33. Ano de produção: 2013. País de origem: Brasil. Áudio original. Produção: TV Escola / AV Produções e Eventos. Disponível em: <http://tvescola.org.br/tve/video/umapologo>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA. Curta de animação “Aurora sem dia”, ano de produção: 2013, duração: 00:17:58, ano de produção: 2013, país de origem: Brasil, áudio original, produção: TV Escola/Toscographics. Disponível em <http://tvescola.org.br/tve/video/aurorasemdia>. Acesso em 16 maio de 2016.

TV ESCOLA. Curta de animação “Tênis da hora”, duração: 00:11:33, ano de produção: 2014, país de origem: Brasil, áudio original, produção: Split Studio, ACERP e TV Escola. Disponível em: <http://tvescola.org.br/tve/video/tenisdahora>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA. Curta de animação “Miss Dollar”, duração: 00:11:37, ano de produção: 2013, país de origem: Brasil, áudio original, produção: TV Escola / Cinema Animadores. Disponível em <https://tvescola.org.br/tve/video/missdollar>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA. Curta de animação “A Ciência do bem e do mal”, duração: 00:11:29, ano de produção: 2015, país de origem: Brasil, áudio original, produção: Dogs Can Fly / realização: TV Escola. Disponível em: <http://tvescola.org.br/tve/video/cienciadobemedomal>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA. Entrevista com Fabiano Maciel. *Making of* do curta “Aurora sem dia”. duração: 00:08:32, ano de produção: 2013, país de origem: Brasil, áudio original, produção: TV Escola / Tscographics. Disponível em: <<http://tvescola.org.br/tve/video/especiais-diversos-making-of-aurora-sem-dia>>. Acesso em 16 maio de 2016.

TV ESCOLA. Entrevista com Guto Nobre e Guga Braga. *Making of* do curta “Um Apólogo”. Duração: 00:06:01, ano de produção: 2013, país de origem: Brasil, áudio original, produção: TV Escola / AV Produções e Eventos. Disponível em: <<http://tvescola.org.br/tve/video/making-of-um-apologo>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA. Entrevista com Thomas Larson. Making off “O tênis da hora”, duração: 00:05:00, ano de produção: 2014, país de origem: Brasil, áudio original, produção: Split Studio, ACERP e TV Escola. Disponível em: <<http://tvescola.org.br/tve/video/makingoftenisdahora>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA (2015). Entrevistas com Bidu Madio e Ricardo Whately. Making of – “A ciência do bem e do mal”, duração: 00:04:18, ano de produção: 2015, país de origem: Brasil, áudio original, produção: Dogs Can Fly / Realização: TV Escola. Disponível em: <<http://tvescola.org.br/tve/video/makingofcienciadobemedoma>>. Acesso em: 16 mai. 2016.

TV ESCOLA. Tênis da hora - Funk das nave - trilha sonora do curta-metragem, duração: 00:01:20. Disponível em: <https://tvescola.org.br/tve/video/tenis-da-hora-funk-das-nave>. Acesso em: 16 mai. 2016.